

*O impacto da pandemia na Universidade:  
os direitos culturais e o desafio da resiliência<sup>1</sup>*

**Domenico D'Orsogna**



**Professor Titular de Direito Administrativo da Universidade de Sassari (UNISS – ITÁLIA) e  
Coordenador do Mestrado em Direito e Economia da Cultura e da Arte (DECAMASTER)**

\*\*\*

1. "É tempo de admitir que a pandemia mudou para sempre a forma de ensinar, aprender e investigar" e que "as universidades devem estar na construção de uma Europa mais resiliente e saudável"<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Tradução de **Juliana Rodrigues Barreto Cavalcante** (Mestre em Direito, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Culturais do PPGD da Universidade de Fortaleza - UNIFOR) e **F. Humberto Cunha Filho** (Professor do PPGD da Universidade de Fortaleza – UNIFOR).

<sup>2</sup> Com estas palavras, a Comissão Europeia para a Inovação, Educação e Pesquisa, Cultura e Juventude, Mariya Gabriel, anunciou em 22 de setembro de 2020, no âmbito do Fórum de Financiamento 2020, organizado pela EUA (European University Association), iniciativas que visam garantir a educação e pesquisas sobre um papel central nos "planos de recuperação" aprovados para financiar a recuperação econômica da Europa nos próximos anos. Vedi N. Mitchell, Universities central to Europe's recovery from pandemic, em University World News (25 de setembro de 2020) -[www.universityworldnews.com](http://www.universityworldnews.com).

As palavras de Mariya Gabriel, Comissária Europeia para a Inovação, Educação e Pesquisa, Cultura e Juventude, são úteis para focar nos dois aspectos em que demandam atenção: o impacto da pandemia na universidade; e o desafio da resiliência em relação aos “fluxos de saberes”.

Em relação a esses pontos, no entanto, a declaração de Mariya Gabriel, se tomada literalmente, pode ser completamente enganosa: não é nada óbvio, de fato, que as universidades (e mais genericamente o sistema de pesquisa e ensino) mudaram (ou estão destinados a mudar) "para sempre" como resultado da pandemia<sup>3</sup>; nem que quaisquer mudanças na universidade podem ou devem ser justificadas através do manto abrangente da pandemia<sup>4</sup>.

Sobre o primeiro ponto, basta dizer que também há quem preveja que "tudo será como antes" quando a pandemia acabar. Sobre o segundo ponto - e assim antecipo a parte final da minha contribuição - acho que o filósofo Tommaso Gazzolo tem razão: se a universidade - em resposta à pandemia – pôde ser "digitalizada" em poucos dias e "se o ensino on-line substituiu o presencial (...) é somente porque já tinha reunido, já tinha em si as condições que tornaram possível esta substituição”.

2. Na análise dos dois aspectos indicados (o impacto da pandemia e a resposta da Universidade) é oportuno ter em mente que, no contexto do debate acadêmico que se desenvolveu, em nível internacional, desde o início da pandemia até hoje, se percebe uma convergência geral de opiniões em torno da ideia de que o sistema universitário, considerado como um todo e em seus próprios componentes internos, teria mostrado uma boa "capacidade de resposta" aos principais problemas apresentados pela crise pandêmica: evitar a interrupção do serviço de ensino; canalizar o esforço da pesquisa científica em torno da luta contra a pandemia Covid-19, aumentando a rede e colaboração científica, a cognoscibilidade e o compartilhamento de pesquisas, em nível nacional e internacional<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Cfr. Fabrizio Fracchia, Coronavirus, senso del limite, deglobalizzazione e diritto amministrativo: nulla sarà più come prima?, in «Il diritto dell'economia», ano 65, n. 100 (3 2019), pp. 575-588; Roberto Caso, La scienza non sarà più la stessa. Più condivisione, cooperazione e solidarietà dopo il COVIT-19?, in Rivista di Bio-Diritto, n. 15 / 2020.

<sup>4</sup> Cfr. Tommaso Gazzolo, Riaprire le Università, artigo publicado em 17 de setembro de 2020 em “Diari della crisi”, do site do Instituto Italiano de Estudos Filosóficos: [www.iisf.it](http://www.iisf.it).

<sup>5</sup> Entre os muitos artigos publicados no University World News durante a primeira fase da pandemia (final de 2019 / primeiro semestre de 2020) consulte: Wagdy Sawahel, Coronavirus outbreak. What should universities be doing?; Dawn Lerman and Falguni Sen, Could the coronavirus force positive change in higher education?; Michaela Martin and Uliana Furiv, COVID-19 shows the need to make learning more flexible; Hamish Coates, Wen Wen and Jinghuan Shi, Crisis is making on-line education economy go mainstream, In University World News; John Aubrey Douglass , Higher education is key for the post-COVID recovery, in University World News (25 April 2020); Marguerite Dennis,

Nessa perspectiva interpretativa, o sistema universitário teria se mostrado muito "dúctil" e "reativo" em uma primeira fase, ou seja, pronto para elaborar respostas aos problemas mais imediatos e urgentes (como a transição para o ensino on-line e a experimentação de inéditas formas colaborativas e de "open access" de pesquisa, redes e bases de dados); e teria entrado agora numa fase madura e consciente, a da elaboração e implementação de adaptações estratégicas e organizacionais de âmbito mais amplo, na busca da resiliência (a capacidade do sistema de superar incólume o evento perturbador: retornar a um estado igual ao de antes) ou antifragilidade (a capacidade do sistema de aprender e modificar-se e, até mesmo, de melhorar a partir de eventos perturbadores)<sup>6</sup>.

Essas considerações são colocadas em um plano conceitual que parece excessivo em abstração e generalização uniformizadora no que diz respeito à variedade irreduzível de elementos, casos e *fattispecie* a serem considerados concretamente: diferenças entre continentes, entre países; diferenças internas para estes; entre territórios e áreas geográficas dentro dos vários países; entre universidades e também entre os vários modelos de universidades e centros de investigação; entre as diversas categorias de pessoas envolvidas, em relação aos seus respectivos contextos de referência (social, político-institucional, econômico, histórico, cultural).

Em suma: o julgamento otimista acima exposto só parece confiável se se referir àquele "minúsculo selo postal do planisfério que chamamos de Europa"<sup>7</sup>, a respeito do qual é difícil não perceber o peso da objeção que foi levantada à teoria da ação comunicativa de Habermas: "começa excluindo mais ou menos quatro quintos da população mundial"<sup>8</sup>.

Ciente deste risco é bom começar com alguns dados numéricos.

---

How will higher education have changed after COVID-19; Nadine Burquel and Anja Busch , Lessons for international higher education post COVID- 19; Courtney Brown and Jamil Salmi , Putting fairness at the heart of higher education; Nita Temmerman, The agile university will equip students for the future; Brent White and Jenny J Lee , The future of international HE in a post- mobility world; Ira Harkavy, Sjur Bergan, Tony Gallagher and Hilligje van't Land, Universities must help shape the post- COVID-19 world; Juliette Torabian, Can mobility and Erasmus be revitalised post crisis?; Ellen Hazelkorn, Time to strengthen multilateralism in higher education; Michael Murphy, Universities beyond the coronavirus crisis -What awaits?- o endereço da revista na web é o seguinte: [www.universityworldnews.com](http://www.universityworldnews.com).

<sup>6</sup> Sobre as noções de resiliência e antifragilidade, ver: Ivan Blečić e Arnaldo Cecchini, Verso una pianificazione antifragile. Come pensare al futuro senza prevederlo, Franco Angeli, Milão, 2016.

<sup>7</sup> Sergio Ferlitto, Apresentação, p. XVI, em H. Patrick Glenn, Tradizioni giuridiche nel mondo. La sostenibilità della differenza, Il Mulino, Bologna, 2011 (ed.); Ed ou.: Legal Tradition of the World. Sustainable Diversity in Law, 4a Edição, Oxford-New York, Oxford University Press, 2010.

<sup>8</sup> B. de Sousa Santos, Towards a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition, Londres, Routledge, 1995, p. 505.

Em relação ao impacto da pandemia na universidade e, de forma mais geral, no sistema educacional do mundo, é possível referir-se a diversos relatórios e documentos editados pela UNESCO, que mostram que o fechamento (físico) das instituições de ensino (determinado pelos Estados) foi um fenômeno sem precedentes (foi a primeira vez que ocorreu em tamanha extensão e intensidade), global, rápido e simultâneo (em poucos meses envolveu o mundo inteiro). Enquanto em janeiro de 2020, como todos sabemos, apenas a China e alguns outros países do continente asiático haviam fechado fisicamente suas escolas e universidades; apenas três meses depois (abril de 2020: o momento de expansão máxima da epidemia em sua primeira onda) cerca de 190 países ao redor do mundo fecharam instituições de ensino, mais de um bilhão e meio de alunos estiveram envolvidos no fechamento de escolas e universidades e mais de 170 milhões de professores foram afetados por este fechamento ao mesmo tempo no mundo.

Esses dados são neutros e uniformes apenas em sua forma externa: o fechamento físico de estruturas educacionais em todo o mundo. Não são, no entanto, na realidade substantiva: o impacto real do *lockdown* nas várias situações.

Uma primeira distinção, para começar, é que nem todas as universidades do mundo tiveram condições de passar do ensino tradicional para o ensino on-line e para métodos telemáticos alternativos: muitos países ou muitas universidades não tiveram essa possibilidade.

Em grande parte do continente africano, por exemplo, o fechamento físico das universidades levou, por muitos meses, à interrupção total do serviço escolar e do serviço universitário: para quase todos os alunos isso resultou na impossibilidade de acesso à escola e à universidade. E para aqueles segmentos da população que se encontravam, nessa altura, na fase de escolha ou início de um novo ciclo de formação escolar ou universitária, esta situação resultava muitas vezes na renúncia total aos estudos.

Mas mesmo nos países, a maioria deles, onde a transição do ensino tradicional para o ensino telemático foi possível, o impacto da pandemia não foi uniforme, mas se manifestou com diferenças consideráveis entre países, entre territórios dentro dos países, entre universidades, entre grupos sociais e entre pessoas. O impacto foi mais oneroso e pesado para aqueles (países, grupos sociais, universidades, pessoas) que já se encontravam em situação de maior vulnerabilidade e adversidade.

Há que reconhecer que o sistema universitário tem procurado dar uma resposta adaptativa imediata também no âmbito da pesquisa: uma área em que se experimentam formas

de colaboração entre investigadores em nível internacional e também a possibilidade de consultar bases de dados de acesso aberto que não existiam antes.

A universidade pública tem se mostrado bem em várias partes do mundo: no Brasil, por exemplo, tem sido uma referência séria e confiável para a sociedade civil e instituições locais. Também contrabalançou a atitude do poder político, que em uma fase inicial havia se estabelecido em posições quase “negacionistas” do vírus, o que também aconteceu em outros países, como os Estados Unidos da América e o Reino Unido. A universidade pública tem desempenhado um papel importante na elaboração e prestação de informação, relatórios e apoios às autoridades locais e comunidades locais, organizou iniciativas de combate ao isolamento social, apoiou grupos desfavorecidos, realizou estudos e relatórios sobre os efeitos socioeconômicos do vírus nas várias áreas territoriais do país, nas várias categorias de sujeitos desfavorecidos (nas prisões, nas famílias, no apoio a situações familiares em que ocorreram situações de violência familiar etc). Todas essas iniciativas certamente deram um impulso no sentido de uma recuperação da legitimidade das universidades públicas no que diz respeito à crise de legitimidade que sofreram nas últimas décadas (especialmente) em países distantes do modelo de universidade neoliberal globalizada e baseada nos rankings e nas medições da “qualidade” da pesquisa e do ensino de acordo com parâmetros desenhados em torno do modelo das *Business Schools* anglo-americanas<sup>9</sup>.

**3.** Atualmente, o debate internacional está polarizado em dois pontos: 1) a alternativa (ou a identificação do ponto de equilíbrio adequado) entre o ensino tradicional (presencial) e o ensino a distância (on-line); 2) a redução da mobilidade internacional (mas também interna) das pessoas (professores e alunos) provocada pela pandemia.

Os dois pontos são logicamente distintos, mas mutuamente interconectados.

De acordo com uma primeira linha de pensamento, quando a pandemia passar, será possível e adequado retornar à universidade tradicional e aos métodos de pesquisa e ensino que eram praticados anteriormente. Na frente oposta, observa-se, de forma mais pragmática, que será inevitável, além de razoável, valorizar a experiência induzida pela pandemia e que, portanto, os métodos de ensino e de pesquisa terão necessariamente que ser reformulados à luz desta experiência.

---

<sup>9</sup> Fernanda Leal, Covid-19 is a wake up for Brazil’s universities, in University World Press, 25 de julho de 2020.

O repensar generalizado em curso no mundo universitário reserva um papel central à diminuição repentina da mobilidade internacional de professores e alunos e, portanto, à crise do modelo tradicional de internacionalização, baseado na movimentação física das pessoas.

Esses dados são considerados e gerenciados de várias maneiras no planejamento estratégico de curto, médio e longo prazos das universidades ao redor do mundo. A ideia predominante é que isso é uma consequência da pandemia e, portanto, faça parte de uma programação de curto ou médio prazos. Em outras palavras, acredita-se que as universidades devam se reorganizar apenas temporariamente, para fazer frente à redução temporária da mobilidade internacional causada pela Covid-19; mobilidade que, por outro lado, deve retomar o crescimento quando a pandemia acabar.

Crescente atenção recebe no contexto do debate internacional, o modelo da chamada internacionalização virtual ou internacionalização doméstica, que potencializa a tecnologia e os métodos de ensino à distância para tentar construir - além do modelo "Humboldtiano" (do nome do fundador da Universidade de Berlim - 1810): uma universidade que efetivamente combina pesquisa e ensino em nome do progresso da nação, com o objetivo explícito de formar a elite acadêmica) - um modelo mais democrático e inclusivo de universidade globalizada, nova alternativa ao modelo da *Business School*: uma universidade concebida como uma rede de saberes e conhecimentos para atender às necessidades de cada cidadão.

**4. O debate corrente em nível internacional - brevemente descrito nas páginas anteriores - não parece suficientemente aprofundado. Talvez também porque ele sofreu em sua configuração básica, da natureza emergencial do problema a partir do qual emana, algumas questões essenciais que têm sido negligenciadas, como, por exemplo, a crise de legitimidade social e do estatuto epistemológico da pesquisa e do ensino universitário na era da revolução digital, temas sobre os quais me limito aqui a lembrar as reflexões de Paul Virilio (que já em 1995 evidenciou as características essenciais da revolução digital) e, mais recentemente, por Giorgio Agambén e Tommaso Gazzolo<sup>10</sup>.**

Eles entendem que a pandemia simplesmente acelerou a generalização de uma forma de vida, o distanciamento social, que já era a forma real e "normal" de vida de nossa sociedade redefinida e plasmada - a partir da década de 1990 - pela revolução digital. O aumento da velocidade da informação e a possibilidade de comunicação em tempo real são fatores que nos

---

<sup>10</sup> Ver Tommaso Gazzolo, *Riaprire le Università*, cit., ensaio ao qual também é feita referência para citações de obras de outros autores citados no texto.

tornam todos conectados e "vizinhos" no sentido comunicativo; mas que, contextualmente, e paradoxalmente, diminuem de forma drástica a necessidade de mobilidade física das pessoas. Nós estamos já, há anos, e bem antes da pandemia, em estado de "distanciamento social"<sup>11</sup>.

A solução do distanciamento social para os problemas colocados pela pandemia - mesmo na universidade: a transição imediata do ensino presencial tradicional para o ensino à distância - foi viável porque o distanciamento social já era a forma real de nossas vidas, determinado pela revolução digital<sup>12</sup>.

Segundo essa linha interpretativa, o desafio da resiliência e da antifragilidade do sistema universitário (evocado no início deste texto) ou, mais simplesmente, da reforma universitária, é um desafio mais profundo. Não se refere apenas a questões relativas aos métodos de ensino (presencial ou à distância) ou ao fato (que se presume ser temporário: um efeito da pandemia) da diminuição da mobilidade física de alunos e professores; mas tem a ver, mais fundamentalmente, com um "distanciamento social" que se apresenta como um caráter permanente e estrutural: a nova forma de vida social. A quarentena mostrou agora que o ensino à distância, a escola "em casa", é o ideal pelo qual já lutávamos, e que mais cedo ou mais tarde também se imporá nas nossas vidas "normais"<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> "Em 1995 Paul Virilio observou como a instantaneidade dos meios de transmissão - a revolução da comunicação em "tempo real" - causava "crescente inércia", não exigindo mais a mobilidade das pessoas, mas apenas "sua mobilidade no local". Em outras palavras: a aceleração e velocidade das comunicações não exige de forma alguma um indivíduo que se move (...) fisicamente ». A revolução tecnológica dos anos 90 anula distâncias, com a capacidade de comunicar e conectar tudo em tempo real, e para isso não requer mais que as pessoas se movam. Daí o paradoxo: a mesma revolução que anulou definitivamente as distâncias, o que tornou possível comunicar-se instantaneamente com um chinês ou um sul-africano aproxima a todos, torna-nos todos "próximos", mas precisamente isso produz, como modo de vida mais adequado a ela, o cidadão (...) trancado em casa. A aceleração da comunicação, levada ao extremo, produz sua instantaneidade - que, por definição, é sem "tempo", e não fornece algum "espaço" para percorrer. A mobilidade, levada ao extremo, acaba sendo uma imobilidade absoluta. Se não há mais distâncias, não há mais nem movimento. E, inversamente, se não houver mais movimento, a redução das distâncias nada indicam senão a nossa nova condição de estar permanentemente à distância. O "distanciamento" a esse respeito, nem mesmo seria concebível se já não tivéssemos vivido em uma realidade fundada em distância permanente ": Tommaso Gazzolo, Riaprire le Università, cit.

<sup>12</sup> Tommaso Gazzolo, Riaprire le Università, cit: "a emergência sanitária causou uma aceleração de uma série de processos já em vigor. A situação excepcional não mudou nossas condições sociais, nosso modo de vida: tem, levando-o às suas consequências "extremas", revelado o que já se tornou (...). Já estávamos isolados e distantes, como consequência da revolução digital, que é uma revolução antropológica, e não "Tecnológica" - isto é, diz respeito ao 'divenire-uomo da parte dell'uomo'".

<sup>13</sup> Tommaso Gazzolo, Riaprire le Università, cit.: "A 'quarentena' não fez nada além de trazer relações sociais para a forma real, adequada às sociedades em que, pelo menos a partir de meados dos anos 90, começamos a viver. Porque o cancelamento das distâncias é a mesma coisa que o distanciamento permanente. A questão é que o caminho de volta à "normalidade" será apenas um "retorno ao passado", e, portanto, algo destinado, mais cedo ou mais tarde, a ser superado ainda em fatos. Nesse sentido, a "exceção" mostra apenas um processo já em curso, e normalidade futura, o desfecho para o qual está indo. Aí voltamos para a escola, nas carteiras, mas é só um retorno a algo agora "passado", que historicamente não existe mais: a quarentena já mostrou que o ensino à distância, a escola "em casa", é o ideal pelo qual já lutávamos e que mais cedo ou mais tarde se imporá também na nossa vida "normal".

A questão ensino presencial/ensino à distância parece, pois, uma forma de encobrimento da realidade: uma realidade em que o ensino já era à distância a décadas e continuará a sê-lo, mesmo quando presencial. Se essa perspectiva for adotada, o problema dos "fluxos de saberes" na universidade não é o de retornar ou não às aulas "presenciais", mas sim de pensar adequadamente sobre o que acontece com a vida científica hoje, em uma sociedade em que a própria humanidade atravessa uma revolução de época"<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Tommaso Gazzolo, Riaprire le Università, cit.